

## **PREFÁCIO**

Somos naturalmente egocêntricos enquanto indivíduos e naturalmente etnocêntricos enquanto comunidade. Nascermos e crescemos julgando-nos o centro do mundo.

As palavras que usamos denunciam a centralidade do nosso olhar. Enquanto indivíduos, aprendemos a denominar o mundo no centro do que está “diante” ou “atrás” de nós, à nossa “esquerda” ou à nossa “direita”. O Eu, se é uma entidade invisível na primeira infância, é precisamente porque tudo suga e reivindica enquanto não é pronunciada. A existência de um Tu é, de certo modo, paralela à construção do Eu, acrescentando-se elas a uma terceira pessoa de pessoas singulares, um Ele omnipresente que como Deus se confunde conosco. Por paradoxal que possa parecer a verdade (mas não é a verdade por natureza paradoxal, por ser coincidência de oposições), a construção de um Tu é condição dialética para a construção do Eu.

É a convivência entre indivíduos que nos contraria o egotismo. O diálogo é a construção de um conhecimento dúplice, em que a linha lançada é semelhante e distinta da que é devolvida. Condiciona-se assim o poder que tem uma palavra, sempre sujeita a interpretação. A troca de palavras é semelhante ao efeito parabólico das palavras: as palavras (em latim, “parabolae”) são reptos lançados a um foco e devolvidas simetricamente, mas em sentido contrário. A convivência contraria a intenção totalitária da palavra.

Comunitariamente, são também invisíveis as palavras que constroem um muro entre Nós e Vós. Mapeamo-nos no cruzamento dos vetores da rosa dos ventos, colocamo-nos invariavelmente no centro do mapa: “Norte”, “Sul”, “Oriente”, “Ocidente” não são mais que défticos ocultos, variáveis com a posição que ocupamos no espaço e a consciência que temos dessa posição. Antes destas primeira e segunda pessoas do plural só existe um Eles que por omissão nos inclui. Chamamos “mundo” ao país ou território que habitamos ou reconhecemos como nosso. E “imundo” ao mundo que não é o nosso mundo: ele é “in-mundo”, um “não-mundo”, e encontra-se conotado com a impureza e o medo da contaminação, antes de o compreendermos como um “outro mundo”. “França Antártica”, assim se denominava o Brasil ainda na segunda metade do século XVI, como sonho de uma reprodução do conhecido. Montaigne fala dele já como “outro mundo”, ao constatar a incompreensibilidade dos ritos antropofágicos de alguns indígenas. À língua que falamos chamamos “a língua”. Ao reino que habitamos chamamos por vezes “o reino”.

É a viagem que nos faz perder o centro do mundo. Só é viagem digna desse nome a que nos faz perder o centro do mundo que tínhamos à partida. Exige de nós, como escreveria Agustina Bessa-Luís, uma experiência de intimidade com o importuno. “Tudo o que não preferimos em quaisquer outras circunstâncias de fixação prolongada – uma paisagem, as criaturas, um acontecimento – é-nos oferecido para que o tomemos com esse amor espontâneo que não se pode evitar porque vive da surpresa em que se comprometeu” (Embaixada a Calígula).

Este livro é fruto de uma convivência. Contou com a participação de académicos de Filosofia, Literatura e outras Ciências Humanas (oriundos principalmente de Portugal e da Índia). Teve apresentações focadas na tradição filosófica, literária e teológica, atestando a interação das culturas portuguesa e indiana desde o século XVI, e considerando o complexo processo desse

diálogo, desde alianças estratégicas até rupturas profundas. A convivência promoveu não apenas a compreensão imperativa da ampla gama de conceitos como "Ocidente" e "Oriente", mas também a dimensão transdisciplinar dos géneros filosóficos.

É também fruto de várias viagens. Das que nos fazem perder o centro. Na sequência do Congresso Internacional Errâncias de um Imaginário, que decorreu em 2013 no Brasil (março), Portugal (abril) e Cabo Verde (julho), o Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – através do grupo de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” – tentaria construir ou reconstruir uma rede de colaborações sistemáticas entre as principais universidades de vários países de expressão portuguesa. Em 2014-2015, o Congresso Internacional de Língua Portuguesa: Filosofia e Poesia, no Brasil (dezembro de 2014) e em Portugal (abril de 2015). Em 2015-2016, o Congresso Internacional Filosofia e Literatura: Fidelino de Figueiredo, que celebrou, em Portugal (outubro de 2015) e no Brasil (março de 2016), o percurso de Fidelino entre a Literatura Comparada e a Filosofia da Literatura. Em 2017, teve lugar o Congresso Internacional de Filosofia e Literatura entre Portugal e Macau: Lusofonia, utopia criadora?, desta vez em Macau/ China (março de 2017) e em Portugal (maio de 2017). Entre 2018 e 2019, uma nova via de diálogo foi aberta, promovendo-se a ponte com o Estado de Goa/ Índia, através do Seminário Internacional de Filosofia e Literatura Portugal-Goa: o(s) oriente(s) e o(s) ocidente(s).

À semelhança de Macau, Goa foi um lugar de cruzamento, em duplo sentido, do Ocidente e do Oriente. Goa foi uma das fronteiras a sul do império de Ashoka, que expandiu o budismo para o Ocidente, e tornou-se, após a conquista portuguesa, um dos centros de irradiação do apostolado cristão do Oriente, com figuras como São Francisco Xavier e São João de Brito. Em Goa, estiveram e redigiram parte das suas obras Luís de Camões, Garcia de Orta e Bocage. Tendo sido um dos centros de encontro e disputa entre as culturas hindu, islâmica e cristã-portuguesa, Goa, onde a língua portuguesa ainda está presente, e cuja arquitectura religiosa integra o Património da Humanidade reconhecido pela UNESCO, é hoje um dos símbolos da existência de um Ocidente do Oriente e de um Oriente do Ocidente, onde se cruzam civilizações e com elas História e Cultura, Literatura, Filosofia e Espiritualidade. Nesse sentido, Goa é um dos centros de constelação da expressão em língua portuguesa ou sobre a expressão do pensamento em língua portuguesa, no contributo mais fecundo que a língua portuguesa tem a dar para um dos maiores desafios do presente e do futuro: o encontro, o diálogo e as novas sínteses e análises que necessariamente se passam a construir entre diferentes culturas, filosofias, religiões e espiritualidades.

Se somos naturalmente etnocêntricos enquanto comunidade, só através do (re)conhecimento do que temos em comum nos tornaremos mais vastos.

*Os Editores*